

Abstinência nem sempre é a saída

Quando se fala em tratamento especializado do usuário de drogas, a primeira idéia que se tem é a da internação e do isolamento do dependente. Esse modelo de acompanhamento que tanto assusta os governos, pelo alto custo que representa, entretanto, poderia ser driblado pelo Estado se ele realmente quisesse fazer valer a lei que garante ao dependente de drogas acompanhamento específico público e gratuito.

Pelo menos, é o que garante a psicóloga Maria Fátima Sudbrack, professora e pesquisadora da Universidade de Brasília. Nem reza, nem enxada, o tratamento para o qual apontam as novas correntes psiquiátricas, em boa parte dos casos de dependência de drogas, não passa necessariamente pela internação e isolamento do viciado.

– Superada a fase da desintoxicação, que pode exigir esse afastamento inicial, deixar o doente isolado pode ser um erro. Isso potencializa o sentimento de exclusão e, eventualmente, até favorece futuras recaídas – justifica.

Segundo ela, como a recuperação completa do viciado passa necessariamente pela reinserção social, tirá-lo do meio escolar ou do trabalho pode ser um erro. No caso de uma dependência leve a moderada – onde são raras as crises de abstinência – o ideal é que o viciado não seja afasta-



TRABALHO manual é parte importante da reinserção social

do desse convívio.

– Por isso, busca-se cada vez menos a internação. E é essa política, de tratamento domiciliar, a melhor possibilidade de o governo passar a cumprir de vez seu dever de auxiliar o doente – completa.

Ao longo do ano, Maria Fátima será a responsável na Universidade de Brasília (UnB) pelo treinamento, nessa linha, de 50 profissionais da Secretaria de Saúde – primeiro time integrado de especia-

listas no acompanhamento de viciados em drogas do órgão. E é categórica em afirmar que, ao contrário do que propõem muitos dos que tratam dependentes, nem sempre a abstinência é a melhor solução.

– Existem tratamentos que permitem, até mesmo, o uso moderado pelo dependente. É preciso pensar na qualidade de vida dele e das pessoas em volta dele. A abstinência pode, eventualmente, ser um mau negócio – diz.